

A esquizofrenia do quadro partidário brasileiro

Homero de Oliveira Costa

“Não se deve elogiar demais um aliado, porque um dia ele pode se tornar um inimigo. Também não se pode brigar muito com um desafeto, pois ele pode se tornar um futuro aliado”(frase atribuída a um político mineiro)

No último final de semana foram realizadas diversas convenções partidárias que homologaram as candidaturas para as eleições municipais de outubro deste ano. A frase acima pode servir como exemplo do que ocorre na formação de alianças: adversários de ontem estão junto hoje e nada garante que estarão amanhã. São as conveniências que pautam suas condutas. Alianças fazem parte do jogo político-partidário. O problema no Brasil não são apenas as alianças, mas as incongruências delas.

No caso das alianças mais recentes, há várias avaliações possíveis. De minha parte, destaco um aspecto que considero relevante, que é a inconsistência e a fragilidade do sistema partidário brasileiro. O que se observa são alianças que não obedeceram a qualquer critério programático e/ou ideológico, prevalecendo o “vale tudo”, o poder dos “caciques” dos partidos e os interesses locais (honrosa exceção do PSOL e PSTU).

Vejamos alguns exemplos em algumas capitais do Nordeste.

Em Natal a deputada petista Fátima Bezerra será candidata com apoio do PC do B, PMDB, PSB, PDT e PRB, já a deputada estadual Mícarla de Souza, do PV, terá apoio do PMN, PR, PP e PTB. Enquanto o PPS terá o apoio do PSDB. Desse conjunto de alianças o que se observa, entre outros aspectos, são partidos da base aliada do governo Lula no plano nacional e da base de apoio da governadora no plano estadual, em alianças distintas (casos do PMN, PP, PR e PTB).

Em Aracaju, o PT não terá candidato próprio e apoiará a reeleição do atual prefeito, Edvaldo Nogueira, do PC do B, junto com o PSDB, PSB, PDT, PL, PTB.

Aqui o destaque é aliança PT/PSDB, resultado também de uma decisão da direção nacional do PT que aprovou alianças com o PSDB em 12 cidades do país (incluindo capitais, como Aracaju e Manaus).

Já em João Pessoa o PT será aliado do PPS, enquanto o prefeito Ricardo Coutinho do PSB, candidato a reeleição, tem apoio de 17 partidos, entre eles, PC do B, PDT, PSB, PV, PP, PPS, PTC e PSDC (que antes apoiavam o candidato do PSDB e decidiram, em bloco, apoiar o candidato do PSB).

Em Recife, o PT terá como candidato João da Costa, com apoio de mais 15 partidos: PBS, PTB, PDT, PR, PMN, PHS, PTN, PRB, PT do B, PSL, PRTB, PRP, PGT, PSDC e PC do B., enquanto o PMDB está junto com o PSDB e o PPS lançou candidato próprio (Raul Julgmann) e o DEM também lançou candidato próprio, com apoio do PV.

Em Teresina, o PT terá como aliados o PMDB, PRB, PMN, PSB, PDT e PC do B, enquanto o outro bloco, de oposição, é formado pelo PSC, PT do B, PSL e PPS.

Em Fortaleza, o PSDB apóia a candidatura da senadora Patrícia Saboya, do PDT. O DEM lançou candidato próprio e o governador Cid Gomes, do PSB, apóia a reeleição da petista Luizianne Lins.

Em Maceió, o prefeito Cícero Almeida, do PP, conseguiu o apoio do PC do B, do DEM e mais 08 partidos : PTB, PRTB, PT do B, PV, PR, PMN, PTN, PSDC.

A apresentação desse breve quadro partidário evidencia a mais absoluta falta de consistência programática e ideológica dos partidos políticos no Brasil. Uma reforma política, que entre outros aspectos, proibisse as coligações para as eleições proporcionais, poderia ser um passo para evitar a verdadeira salada partidária, alianças circunstanciais, muitas vezes esdrúxulas e contribuir para o fortalecimento dos partidos.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html



www.dhnet.org.br